

Porto Alegre, ano 1, nº 1, jan./jun. 1999, pp. 244 - 251

Alguns aspectos do menor de rua e seu contexto

LUIZ RICARDO MICHAELSEN CENTURIÃO

Professor de UFRGS, Rio Grande do Sul.



O contato com meninos de rua e suas famílias revela, freqüentemente, aspectos fascinantes, nos fatos que se referem aos processos de interação familiar. Estes, além de apresentarem caráter variável e dinâmico, no qual os elementos subjacentes são, simultaneamente, revelados e encobertos na multiplicidade e seqüência dos eventos, dos acontecimentos que envolvem quotidianamente a vida do menor de rua, mostram nuances e especificidades diferentes em cada grupo familiar, as quais caracterizam a cultura peculiar a cada uma das famílias em questão.

É este um terreno privilegiado para uma abordagem analítica do tipo interacionista¹, uma vez que a relação humana, em grupos como os citados, em virtude dos múltiplos sentidos envolvidos no processo de comunicação, só pode ser revelada e avaliada em seus aspectos essenciais, a partir de uma atenção ao detalhe, à nuance, à filigrana, ao que muitas vezes é tido por não importante, por assim dizer. É óbvio que o profissional (psicólogo, assistente social ou outro) envolvido no trabalho com menores de rua e suas famílias, deve possuir acuidade psicológica desenvolvida que, infelizmente, muitas vezes é bloqueada pelas pesadas pressões institucionais.

A abordagem de caráter interacionista revela-se altamente instrumental, na medida em que os objetos em foco são tipos complexos de relações, de

1 Referimo-nos à escola sociológica do interacionismo simbólico de Erving Goffman. Este autor procura aplicar modelos de dramaturgia à vida cotidiana. Para isto ver HERPIN, Nicolas. *A Sociologia Americana, Escolas, Problemáticas e Práticas*, Porto, Edições Afrontamento, 1982, pp. 73 e seqs.

caráter multifacetado, que conduzem cada uma das pessoas envolvidas nesse tipo de relações a atuar, simultaneamente, com códigos diferenciados e, muitas vezes, antagônicos. Embora seja isto uma característica geral e difusa nas interações humanas, no contexto em questão o enfoque a ser aplicado inclui, entre outros aspectos diferenciados, manifestações muito peculiares do que, na literatura psicológica, é chamado de *novela familiar*². No caso do menor de rua, e da atuação deste, deve-se ter presente uma configuração de modelos desviantes de interação familiar, o que exige, idealmente, uma intervenção corretiva e profissional.

Deve-se acrescentar que estes modelos (de desvios familiares que resultam na produção de menores de rua) adquiriram, já há algum tempo, uma grande visibilidade social, pelos problemas sociais que disso resultam e, máxime, pela intervenção mais incisiva das políticas públicas em relação ao menor. Ou seja, o problema do menino e do adolescente de rua deixou de ser assunto para especialistas, tornando-se assunto de interesse da sociedade como um todo.

Nesse contexto, é importante observar os aspectos psicológicos que caracterizam os menores citados e os grupos aos quais estão vinculados (família ou outros, como grupos de menores, por exemplo). Verificamos, durante as pesquisas realizadas, que adquire importância decisiva, para o comportamento do menor, o processo de construção de personificações³ imaginárias, fantasmáticas, produzidas tanto na dinâmica subjetiva do menor, como no contato deste com outras pessoas, sejam ou não de seu grupo familiar. Dito de outra maneira, o menor lida muitas vezes com uma realidade imaginária, criada por ele, e não com uma realidade "real", tendo relação a esta, dificuldades de compreensão e ajustamento.

O menor de rua atua numa rede de relações interpessoais, repleta de ambigüidades, ambivalências e níveis de conflito, latente e manifesto. Tal rede é

2 A expressão *novela familiar*, oriunda da psicanálise, refere-se ao complexo jogo de relações, emoções e sentimentos que estão presentes em cada grupo familiar. A família, por sua vez, entendida, da maneira mais simples, como um grupo mais ou menos extenso de parentes consanguíneos e colaterais, sendo sua expressão mais reduzida a chamada família nuclear (pai, mãe e filhos), abriga tanto forças (ou processos) de dispersão como de agregação. Estes processos, pela dinâmica interna que os move, são de fundamental importância na formação da estrutura de personalidade do infante.

3 Entende-se por personificação o processo de atribuição, a outros, de qualidades, características e intenções. Nenhum processo de personificação, mesmo em condições normais, corresponde totalmente ao outro tal qual ele é. Mas, em situações especiais, de caráter patológico, pode assumir conotações delirantes.

impregnada por personificações imaginárias com seu movimento de atribuição fantasiosa (aos outros) de identidades, intenções e comportamentos.

Sentimentos e atuações dos mais variados compõem este quadro, o que passa a exigir do observador uma posição transdisciplinar que dê conta dos aspectos psicogenéticos e sociogenéticos. Esta transdisciplinaridade deve integrar e fundir Psicologia, Medicina, Sociologia, Serviço social e Antropologia, para compreensão mais rica do fenômeno. O trabalhador especializado na área deve adquirir familiaridade com a abordagem transdisciplinar, sob pena de permanecer atrelado a modelos e práticas estacionários.

Existem, como é óbvio, elementos comuns e repetitivos nas histórias de vida e outros relatos em geral, obtidos através de entrevistas, e oriundos do grupo familiar dos menores de rua e destes próprios. Por isso, na observação da dinâmica e da composição de cada quadro familiar, é importante, em cada caso, que o observador pratique uma interpretação acurada dos atributos que distinguem cada indivíduo e cada grupo, para assim ampliar o repertório de situações possíveis e melhor compreender o que se passa. Isto deve ocorrer tanto durante as situações de entrevista como em outras. Com este procedimento, o profissional terá melhores condições de dar atendimento diferenciado a cada caso. A ação "massificante"⁴, por assim dizer, nunca deu bons resultados.

Os processos de interação entre o menor de rua, sua família e outros grupos, possui uma significação que não pode ser avaliada integralmente em interpretações preliminares e/ou prematuras. O entendimento do processo, por parte do profissional, pode revelar-se decisivo para a compreensão posterior da psicodinâmica intragrupal, a partir da qual são elaboradas, pelo menor e seus grupos, as diversas histórias de vida e relatos de toda espécie. Por sua vez, esta compreensão é imprescindível para a intervenção terapêutica posterior.

Geralmente, em nossa área de trabalho, deparamo-nos, freqüentemente, com pessoas que mantêm relações afetivas impregnadas de configurações emocionais patológicas e fortemente sedimentadas e que fazem parte do grupo de **eus** significativos para o menor. Estas pessoas revelam uma série de experiências idiossincrásicas e particularizadas que, no entanto, podem ser enquadradas nos modelos mais amplos da fenomenologia da interação desviante.

Como os fatores psicogenéticos e sociogenéticos são construídos a partir

4 A chamada ação "massificante" é aquela que não atende o menor a partir de suas idiossincrasias. Pelo contrário, aplica modelos genéricos de intervenção. A ineficácia terapêutica desta prática pode ser atestada na deprimente realidade das instituições.

das primeiras experiências de ordem familiar, e possuindo, as vivências pessoais precoces, um caráter decisivo, especialmente por se transformarem em estruturas emocionais cristalizadas e determinantes, pode-se considerar a patologia familiar do menor de rua como construtora de um modo de ser, de tipos de conduta que dificilmente irão alterar-se. É uma realidade deprimente, porém verdadeira, para o profissional que atua com estes grupos. Mesmo que ocorram modificações significativas, para melhor, no meio ambiente, tal fato não afetará positivamente a psicodinâmica do menor, a não ser em casos excepcionais, (como, por exemplo, quando há atendimento profissional psicológico e assistencial extremamente eficaz, acompanhado de disposição psíquica receptiva no menor).

Devemos sempre ter presente que a tentativa de implantar modificações psíquicas internas, em pontos conflituais da personalidade do menor de rua, por meio das diversas técnicas de psicoterapia, ou por outros modelos de atendimento, sempre é um processo demorado, de resultado incerto e que beneficia pequeno número de indivíduos. Isto deve servir de alerta para o falso otimismo que algumas experiências supostamente bem sucedidas têm causado nos profissionais da área. Geralmente, nestes casos, faltou a avaliação a longo prazo, ao mesmo tempo em que se deu uma identificação narcisista do profissional com o produto e objeto de seu trabalho.

Nos menores em questão, um forte sentimento de privação é construído precocemente, podendo tornar-se o registro determinante para a captação seletiva e impregnada de subjetividade da realidade exterior. Ocorre a solidificação de um modelo psico e sociopatológico dificilmente solucionável. Daí, tendo em vista o benefício social, e o interesse da sociedade como um todo, nunca é demais destacar a importância de uma ação preventiva e de largo alcance, por parte de instituições públicas e privadas.

Como foi dito acima, existe, no contexto de interações familiares do menor de rua, uma diversidade de matizes na relação interpessoal, os quais não se revelam sempre explicitamente. Daí a necessidade de o profissional, em suas atividades de entrevista ou outras, investir intensamente na exploração dos imponderáveis e dos implícitos, não revelados em nível mais superficial. Tal procedimento exige trabalho profissional sério e competente; só desta maneira será possível obter uma percepção mais profunda da cultura, da patologia do menor e de seu grupo familiar, com os benefícios advindos desse conhecimento.

Torna-se necessário, também, que o profissional possua plasticidade e

plô dos meninos de rua, o que se observa com freqüência é uma precariedade de integração psicológica, devido à predominância de elementos disruptivos, tais como maternagem inadequada, grupos de referência⁵ tidos por inapropriados, etc.

É uma característica facilmente observável nestes menores a de que, pela sedimentação precoce, em termos gerais, (pessoais, coletivas etc.) de sentimentos de inadequação frente à vida, se dê o deslocamento constante da mesma estrutura afetiva imprópria (ou seja, não condizente com a realidade) de um objeto para outro, seja este pessoa ou instituição. É este aspecto um dos fatores básicos, que caracterizam os menores de rua. Por isto, muitas vezes aos olhos dos profissionais da área, estes menores são diagnosticados como emocionalmente instáveis e incapazes de assumir contatos afetivos adequados. De fato: desenvolve-se neste tipo de menor uma conduta marcada pelo ressentimento, pela rebelião, por um potencial criminogênico revelado em pequenos atos de infração, pelo consumo de drogas e pela manipulação pragmática (ou seja, com vistas ao benefício pessoal) do meio ambiente e dos códigos de valor⁶.

Nestes aspectos configura-se um padrão típico de conduta e deve-se considerar que, por vida de regra, os menores de rua tomam-se incapazes de manter uma verdadeira reciprocidade de sentimentos, sendo, pelo contrário, conduzidos a uma busca constante e unilateral de gratificações, resultado de um forte sentimento de privação que é motivado por elementos psicogênicos dificilmente alteráveis.

Atos impulsivos que, muitas vezes, caracterizam tais menores, e que dão a impressão de quebra súbita de um padrão de comportamento esperado, resultam de uma longa preparação interna (subjéctiva) que, por assim dizer, teve seu início nas etapas mais precoces da vida do menor de rua, quando foram construídas suas primeiras relações, caracteristicamente frustrantes, com o meio ambiente (basicamente o núcleo familiar). Deriva daí o repertório limitado (e muitas vezes inexpressivo) no que se refere às possibilidades de algum tipo de mudança psíquica e comportamental. A intervenção no sentido da mudança

5 Entendemos por grupo de referência aquele do qual o menor extrai referências para o moldeamento de sua identidade. Uma "gang", para seus membros, será um grupo destes.

6 Isto significa que os menores de rua podem transitar tanto pelos valores que norteiam um grupo criminoso, por exemplo, como por aqueles que norteiam um grupo convencional. Ele fará isto conforme as conveniências do momento. Por isto, são muitas as suas representações.

constitui um grande desafio para o profissional.

O menor de rua forma barreiras e defesas psicológicas, cuja função é proteger seu ego frágil e fragmentado. Nestes casos, pode-se afirmar que, independentemente do que possa sugerir sua conduta expressiva (exterior), mantém, constantemente, uma distância emocional autoprotetora. E uma de suas características é o envolvimento (ou entrega afetiva) problemático.

Dito de outra forma, estes menores tornam-se incapazes de relacionar-se, em medida e padrão desejável, com pessoas reais. O que neles mais atua é um processo de personificações imaginárias, que os leva a um mundo de fantasias patológicas, que vão constituir, de certa forma, seu "verdadeiro" mundo de relações com as pessoas.

Maior e melhor compreensão desta psicodinâmica é facilitada, quando os menores podem ser observados em múltiplas situações, com acompanhamento e observação constante, na instituição em que eventualmente se encontram ou na vida cotidiana, exterior. Uma simples situação de entrevista, ou o tratamento puramente burocratizado, podem aclarar apenas alguns aspectos, ao passo que a observação mais totalizante e contínua fornece uma percepção mais exata e completa do menor de rua e de seu contexto.

Referências bibliográficas

HERPIN, Nicolas, *A Sociologia Americana, Escolas, Problemáticas e Práticas*, Porto, Edições Afrontamento, 1982.

Resumo

Este artigo aborda sumariamente os processos de interação entre menores de rua, tanto nas relações intragrupo como extragrupo. Também trata-se resumidamente da dinâmica intrapsíquica modal em tais menores, assim como seus contatos com instituições e as apresentações públicas sobre eles.